



EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO NO CÁRCERE: MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS ESCOLHAS

Angela Moraes Cordeiro Sena¹; Denise Tosta Santos²

¹Doutorado – Universidad Interamericana- Assunção-PY - E-mail: angfamsena@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7090891593894228>

²Doutorado – Universitat de Barcelona, UB, Espanha - E-mail: denitosta@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7520237552555858>

EIXO TEMÁTICO: 9. ARTE, CULTURA E SABERES SOCIOEMOCIONAIS NA EJA

RESUMO

A emoção é um aspecto fundamental na construção da identidade e nas relações interpessoais. Em contextos educacionais, especialmente em ambientes de privação de liberdade, a valorização da sensibilidade pode ser uma poderosa ferramenta para transformar a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor. O pôster apresenta práticas pedagógicas realizadas nos presídios feminino e masculino do Complexo Penitenciário de Salvador/BA, localizado no bairro da Mata Escura, com alunos e alunas do Colégio Estadual Professor George Fragoso Modesto. Como a experiência do encarceramento é marcada por intensas rupturas emocionais, sociais e identitárias, estar privado da liberdade não implica apenas a separação física do mundo exterior, mas, sobretudo, a fragmentação de vínculos, a limitação da autonomia e a imposição de um cotidiano em que a subjetividade muitas vezes é silenciada. Nesse contexto, as emoções, que naturalmente perpassam todas as dimensões do ser humano, encontram-se reprimidas, distorcidas ou esquecidas em meio às estruturas rígidas do sistema prisional. Diante desse cenário, o projeto "Educação e humanização no cárcere: minhas histórias, minhas escolhas" surge como uma proposta de escuta, acolhimento e valorização do universo emocional de estudantes em situação de cárcere.

Este projeto vem sendo desenvolvido em duas unidades prisionais no Complexo Penitenciário de Salvador, a partir da escuta atenta e da observação sensível do que cada estudante em privação de liberdade expressa em sala de aula. Inspirado pela pedagogia humanizadora de Paulo Freire, busca-se construir um espaço em que os apenados possam não apenas aprender conteúdos formais, mas sobretudo se reconhecer enquanto sujeitos de direitos, de afetos e de possibilidades. A proposta vai além de um simples trabalho de educação emocional: ela é, antes de tudo, um ato político e amoroso de resgate da dignidade humana em um dos espaços mais desumanizados da sociedade contemporânea. O aprisionamento pode deixar marcas profundas no sujeito, que serão carregadas ao longo da vida, por isso desenvolver práticas pedagógicas que estejam atentas como cada aluno ou aluna lidam com as emoções em situações corriqueiras em sala de aula, na forma de agir nas celas juntos uns com os outros, na forma desconfiada de olhar, o jeito e o conteúdo do que falam para o colega ou sobre o colega de um para o outro e os relatos de como resolvem os conflitos na cela.



A escolha do tema “Educação e humanização no cárcere” não é aleatória. Reflete a intenção de dar nome, forma e sentido a sentimentos que, por vezes, estão escondidos, reprimidos ou até mesmo negados. Assim como o corpo, as emoções dos presos também estão presas – não pela lei, mas pelas condições adversas do cárcere. Ao propor a “identificação” dessas emoções, com base numa educação humanizada, o projeto convida os sujeitos privados de liberdade a olharem para dentro de si, reconhecendo suas dores, fragilidades, potências e esperanças. Trata-se de um percurso de autoconhecimento e de fortalecimento da autoestima que contribui diretamente para a reconstrução de vínculos consigo mesmos, com o outro e com o mundo.

O objetivo geral é promover o reconhecimento, a expressão e a elaboração das emoções entre os estudantes privados de liberdade, por meio de práticas pedagógicas dialógicas e afetivas, contribuindo para o fortalecimento do autoconhecimento, da convivência harmônica e da continuidade do processo de socialização. Tendo como objetivos específicos: desenvolver atividades pedagógicas que favoreçam a identificação e a nomeação das emoções básicas (alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa, nojo, amor, saudade, esperança, entre outras); criar espaços de escuta e acolhimento emocional, estimulando os participantes a partilhar suas vivências e sentimentos de maneira respeitosa e segura; despertar nos estudantes o senso de dignidade e autoestima, reconhecendo-os como sujeitos de direitos e potenciais agentes de transformação pessoal e coletiva e contribuir para a redução de comportamentos violentos e reativos, por meio do desenvolvimento da empatia, do autocontrole e da comunicação não violenta.

O projeto conta com a atuação das educadoras Angela Sena e Denise Tosta docentes do Colégio Estadual Professor George Fragozo Modesto, que atua dentro do sistema prisional baiano. As profissionais envolvidas compreendem a educação como ferramenta de transformação pessoal e social, e assumem o compromisso ético e afetivo de enxergar o aluno privado de liberdade não apenas como um número do sistema, mas como um ser humano em processo contínuo de reconstrução. O tema emoção e humanização no trabalho das professoras é um tema recorrente dentro do espaço dos privados de liberdade, pois identificamos que as emoções positivas precisam ser cultivadas, acolhidas e sempre trabalhadas para o melhor aproveitamento do autocontrole e da empatia, visto que este processo de identificar e reconhecer as emoções em determinados momentos é algo que requer tempo, esforço e conhecimento para poder nomear as emoções vivenciadas nos vários desafios do dia-a-dia, principalmente no espaço privado de liberdade.

Para embasar teoricamente as ações propostas neste projeto, foi realizado um levantamento bibliográfico fundamentado na perspectiva humanista, com destaque para autores que compreendem a educação como processo integral de desenvolvimento humano. Entre eles, destaca-se Paulo Freire (1988), cuja pedagogia libertadora propõe uma prática dialógica e humanizadora, especialmente significativa em contextos de exclusão. Freire afirma: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1988, p. 47), destacando a importância da relação horizontal entre educador e educando como caminho para a transformação social. Howard Gardner (1983), por sua vez, contribui com sua Teoria das Inteligências Múltiplas, oferecendo uma visão ampliada das potencialidades humanas. Para Gardner, “O maior erro da educação tradicional é presumir que todos os indivíduos podem



aprender da mesma forma” (GARDNER, 1995, p. 9), o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as múltiplas formas de aprender, sentir e expressar-se, sobretudo no contexto singular do sistema prisional. Carl Rogers, outro importante teórico da abordagem humanista, defende que o aprendizado significativo ocorre quando há autenticidade e empatia na relação educacional. Como ele ressalta: “O único homem instruído é aquele que aprendeu como aprender, o que aprendeu a adaptar-se e a mudar, o que se deu conta de que nenhum conhecimento é garantido, mas que apenas o processo de procurar o conhecimento fornece base para a segurança” (ROGERS, 2010, p. 42). Essa perspectiva sustenta a construção de ambientes educativos baseados na confiança, no acolhimento e no respeito às experiências subjetivas dos alunos.

Além disso, as atividades propostas dialogam com a realidade concreta dos apenados, valorizando suas vivências, experiências e saberes. Ao desenvolver temas como saudade, medo, raiva, esperança, culpa, amor e perdão, os educadores constroem junto com os alunos um vocabulário emocional que lhes permite nomear o que sentem e refletir sobre como essas emoções influenciam suas ações e relações. Essa prática fortalece a consciência emocional, essencial para o desenvolvimento da empatia, da comunicação assertiva e da convivência pacífica no ambiente prisional.

Palavras - chave: Educação emocional; privados (as) de liberdade; humanização.

REFERÊNCIAS

- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação nas Prisões: diretrizes nacionais**. Brasília, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GARDNER, Howard. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- Zimring, Fred. Carl Rogers / Fred Zimring; tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.: il. – (Coleção Educadores).